

VOZES NEGRAS: O PAPEL DO MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS NA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL DE PELOTAS/RS

¹ELISÂNGELA DOS SANTOS BANDEIRA

³ROSANE APARECIDA RUBERT

¹E-mail da autora: elisangelabandeira@yahoo.com.br - UFPEL

³E-mail da orientadora: rosanerubert@gmail.com - UFPEL

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, que subsidia minha tese de doutorado tem por tema o Movimento de Mulheres Negras na cidade de Pelotas, inseridas nos mais diversos setores e articulações sociais e políticas, desempenhando papéis variados na sociedade. A tese engloba as múltiplas organizações em que se encontram engajadas, como se auto percebem em seus processos de mobilização, os valores e perspectivas de mundo que motivam seu ativismo político, dessa maneira esta pesquisa buscará compreender: quais as lógicas e dinâmicas organizacionais das mulheres negras pelotenses, a partir dos vínculos de pertencimento que construíram nas suas trajetórias de vida? Que rupturas essa mulheres em movimento operam com a forma como são historicamente representadas pelo imaginário brasileiro? Quais valores e visões de mundo informam suas pautas políticas e o que revelam sobre projetos coletivos para o futuro?

O ativismo das mulheres negras produziu importantes aportes para a sociedade brasileira, durante a segunda metade do século XX, especialmente nos anos 1970 com a segunda onda do feminismo no Brasil e 1980 com a inserção da pauta feminista nas políticas de Estado. Denunciando tanto o racismo presente nos movimentos feministas brancos, que não levavam em consideração as pautas raciais, quanto o sexismo no interior do movimento negro, que algumas vezes reproduzia o sexismo, o feminismo negro brasileiro (DAMASCO, 2012) se consolidou enquanto movimento articulado, portanto, houve uma crescente de mulheres negras brasileiras, reivindicando pautas e se organizando para pleitear tais reconhecimentos (RIBEIRO, 1995). Um marco fundamental dessa mobilização consolidada foi a realização, em 1988, do I Encontro Nacional de Mulheres Negras (SILVA, 2014). O feminismo negro no Brasil surgiu nesse contexto social, como um campo de lutas e de um movimento que articula raça, gênero e classe, para problematizar as múltiplas dimensões da desigualdade.

GONZALEZ, através das suas escrevivências, já apresentava para o movimento negro e para sociedade brasileira a necessidade de enfrentar o mito da democracia racial e de pensar um feminismo latino-americano, inserindo a categoria de amefricanidade como uma libertação das limitações territoriais, linguístico e ideológicas (GONZALEZ, 2020), assim como questionava o papel que a sociedade relegava as mulheres negras, de ser apenas a mulata no período carnavalesco, doméstica ou mãe preta que prestava serviços às famílias de classe média e elite brancas, pensamentos esses que caracterizam a neurose cultural brasileira e que violenta os corpos das mulheres negras (GONZALEZ, 2020), ou que a visualizam como a super guerreira capaz de enfrentar as realidades violentas vividas (RIBEIRO, 2018).

A etnografia abordada nessa pesquisa observa as vivências, o contexto social de inserção dessas mulheres e a sua organização para estarem presentes

na Marcha Nacional de mulheres negras de 2025. Destaca-se que a realização de mobilizações como o ato de marchar não é algo novo, já tivemos outras significativas marchas relacionadas à luta antirracista no Brasil: a Contestação à abolição da escravatura no ano de 1988; a Marcha Tricentenário da Morte de Zumbi: Contra o Racismo, pela Igualdade e a Vida em 1995; a Marcha Zumbi +10: II Marcha Contra o Racismo de 2005 e a dez anos atrás, a realização da primeira Marcha Nacional das Mulheres Negras, no qual ficou destacado que as mulheres negras não aceitam o lugar de subalternidade e da subserviência que a sociedade historicamente lhes reserva (FIGUEIREDO, 2019).

A abordagem antropológica fornecerá uma compreensão mais profunda das formas coletivas de construção de subjetividades das mulheres negras pelotenses, que estão inseridas em uma trajetória histórica mais ampla de resistência e luta contra o racismo e o sexismo no Brasil, reafirmando a sua centralidade na formulação de projetos sociopolíticos transformadores. Na atualidade, o Movimento de Mulheres Negras segue articulando-se em redes locais, estaduais, nacionais e até mesmo internacionais, consolidando-se como um dos principais atores na formulação de políticas públicas voltadas à equidade racial e de gênero. A atuação dessas mulheres, que une militância, produção intelectual e organização comunitária, tem garantido maior visibilidade às suas pautas e fortalecido a luta por uma sociedade plural, democrática e antirracista.

2. METODOLOGIA

Será utilizada como metodologia de pesquisa a etnografia, que conforme destaca PEIRANO (2014) o(a) pesquisador(a) estabelece uma convivência com o grupo estudado, acompanha seu cotidiano, portanto, será uma forma de pesquisar sobre as mulheres negras estando inserida junto delas para compreender o movimento social a partir da observação participante de seus modos de vida, práticas de organização, valores e pautas. Nesse novo olhar etnográfico as mulheres negras terão suas falas e histórias reconhecidas (TORTUL, 2020).

Estão sendo utilizadas fontes bibliográficas sobre Movimento de Mulheres Negras, Movimento Negro, relações raciais no Brasil e feminismo negro; análise de documentos, registros fotográficos e publicações da imprensa.

Como técnica de pesquisa, serão utilizadas entrevistas semiestruturadas, para compreender trajetórias e engajamentos, mantendo o cuidado ético para saber se as mulheres negras concordarão ou não, com uso de gravador, celular ou bloco de notas. E observação participante nos fóruns de construção, ou outras tomadas de decisões e mobilização política. Atuarei em diversas instâncias de protagonismo feminino negro, sejam eles em organizações sociais, movimentos políticos, órgãos públicos, ONGS, ou de maneira individual, nos mais variados âmbitos.

O ponto alto da etnografia será observar e participar da organização dessas mulheres negras pelotenses para estarem presentes na Marcha Nacional de Mulheres Negras, que será realizada em novembro de 2025 em Brasília, buscando compreender o que as mobiliza, como ocorre o compartilhamento de vivências e a construção de outros projetos de sociedade. Após a coleta de dados e registros das observações e entrevistas, pretende-se fazer a transcrição, usando como base os(as) autores(as) que serão pesquisados ao longo do estudo antropológico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho de campo teve início em janeiro de 2025, a partir da realização dos encontros estaduais no Rio Grande do Sul voltados à organização da Marcha Nacional das Mulheres Negras. Nesse contexto, participei da reunião realizada em Porto Alegre e, desde então, passei a integrar o principal grupo de mulheres negras da cidade de Pelotas, que vem articulando sua presença na referida Marcha. Entre as atividades promovidas pelo coletivo, destacam-se a Marcha Municipal de Pelotas, realizada em julho de 2025, e a Conferência Municipal Livre das Mulheres de Pelotas, ambas configurando espaços estratégicos de mobilização e incidência política.

Com isso me tornei integrada e participante da maior parte dos eventos voltados à comunidade negra, frequentando as reuniões do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher que é aberto ao público em geral, estive presente no evento de entrega da Medalha Negra Rosa, no qual quase 100 (cem) mulheres negras da região tiveram o reconhecimento da sua atuação e mobilização. Um evento proporcionado pela Secretaria de Igualdade Racial do Município de Pelotas com debates de empreendedoras negras, gerou um grupo de apoio e autocuidado entre mulheres negras, o qual faço parte. Fiz parte do Projeto Saúde da Mulher Integrada: Educação Corpo e Mente coordenado pelo grupo feminista GAMP e o Centro de Ação Social Odara, no qual me conectei com suas narrativas e participando de suas ações e de seus espaços de convivência.

O percurso etnográfico está incluindo interações e trocas de experiências com mulheres negras da região Sul do país, cuja atuação evidencia a centralidade do protagonismo feminino negro nos processos de resistência. Além disso, vêm sendo conduzidas entrevistas que possibilitam compreender de maneira mais aprofundada as múltiplas dimensões da luta das mulheres negras e a atuação em diversos contextos políticos e sociais, no transcorrer de suas trajetórias. Com a criação de conexão com as interlocutoras, existe o interesse no decorrer da pesquisa de integrar essas vozes com a Universidade, gerando um espaço de acolhimento e oportunidade de troca de conhecimentos.

4. CONCLUSÕES

A convivência com as interlocutoras tem revelado, até o presente momento o quanto o colonialismo e a tentativa de apagamento do conhecimento negro contribuiu para o que vivemos hoje (RIBEIRO, 2019), mas suas articulações abordam grandes dimensões, memórias e práticas de resistência, bem como a produção de saberes decorrentes dessas experiências que tem sido enriquecedoras.

As estratégias adotada pelo movimento negro mudou com o passar do tempo (FIGUEIREDO, 2018), as mulheres negras reafirmam sua centralidade na construção de uma sociedade plural, incluindo questões LGBTQIAPN+, e principalmente com o foco na questão do letramento antirracista à todas as pessoas. Nesse contexto, as mulheres negras pelotenses inserem-se de maneira significativa na representação do coletivo, por meio de seu ativismo político, da autogestão e das práticas coletivas de cuidado. Tais iniciativas ultrapassam o âmbito dos debates discursivos, uma vez que as organizações locais vêm logrando êxito em inserir suas demandas em eixos políticos centrais, mobilizando a cobrança por soluções efetivas e, simultaneamente, conferindo maior visibilidade às questões raciais e de gênero.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAMASCO, Mariana Santos. MAIO, Marcos Chor. MONTEIRO, Simone. Feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1993) no Brasil (1975-1993) no Brasil (1975-1993). **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 133-151, 2012

FIGUEIREDO, Ângela. Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. **Revista Direito E Práxis**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1080–1099, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. 1º edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres Negras Brasileiras de Bertioga a Beijing. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 446-457, 1995.

SILVA, Joselina da. I Encontro Nacional de Mulheres Negras: o pensamento das feministas negras na década de 1980. In: SILVA, J.; PEREIRA, A. M. (orgs.). **O Movimento de Mulheres Negras**: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

TORTUL CESARINO, F. Interseccionalidade e mulher negra: raça, classe, gênero e religião. **Sacrilegēs** , [S. I.], Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 127–150, 2020.